

**Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo**  
**Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação**

Ana Eliza Grigório Rodrigues

Damaris Siqueira Brito

Joseane de Santana Tavares

**TRABALHO TEMÁTICO: A HORA DA ESTRELA**

SÃO PAULO

2009

Sim.

Enquanto houver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever.

Para aqueles que não me conhecem sou Rodrigo S.M. Há alguns anos escrevi sobre uma nordestina órfã de pai e mãe, criada pela tia beata. De Alagoas migrou pra o Rio de Janeiro, onde viveu na pobreza e dividiu com quatro amigas, todas Maria, um quarto na rua do Acre. Trabalhava como datilógrafa, mas não cumpria bem sua função, era virgem e até conhecer Olímpico de Jesus, também nordestino, nunca tivera um namorado. Este era ambicioso, e por não terem nada em comum, ela o perdeu para sua amiga de trabalho Glória, que tinha os atrativos materiais com que Olímpico tanto sonhava. Aconselhada por Glória a nordestina vai procurar uma cartomante. Madame Carlota prevê que no momento em que a nordestina sair de sua casa a vida dela mudará completamente. Esta é a primeira vez que ousa ter esperança. Porém, ao sair da casa da cartomante é atropelada por um Mercedes Bens, e ali na sarjeta ao agonizar encontra seu momento de estrela, único momento pelo qual a personagem é percebida enquanto ser humano e é neste instante que ela morre. Com isto morri também e só me restou acender um cigarro e ir para casa.

Como essa mulher que viveu e morreu a toa pode me inquietar tanto? Por que escrevi sobre Macabéa, que não faz falta a ninguém, com quem nem mesmo o nome condiz?

Este nome, Macabéa, é originado de Macabeus, termo bíblico que trata de uma família de Jerusalém, que se opôs às ideias helenísticas da dinastia grega dos selêucidas, que governavam a Síria, a Palestina e regiões próximas.

A destruição pairava sobre o Templo de Jerusalém, em resultado das infâmias religiosas instituídas por Antíoco Epífanes. Mas Jerusalém não estava só. As mesmas indignidades eram impostas a todas as cidades e lugarejos da Judeia. Ídolos dos deuses pagãos Zeus ou Júpiter eram erguidos nas praças públicas. Construía altares diante das portas das casas, e os que davam valor à vida ofereciam-lhes regularmente sacrifícios. Os que não obedeciam ao decreto do rei, e faziam uma fraca demonstração de seu zelo, eram açoitados publicamente e depois mortos.

**Erro! Nome de propriedade do documento desconhecido.**

A situação tornava-se intolerável. A revolução começou a tomar forma, e um dos primeiros a dar-lhe expressão foi um velho sacerdote chamado Matatias. Pertencia a uma família distinta, proeminente dos negócios da pequena cidade de Modim, cerca de dez quilômetros a noroeste de Jerusalém. De repente, um funcionário sírio apareceu neste lugar e convidou Matatias a usar sua influência para estabelecer ali um culto idólatra. O velho resistiu ao convite e quando o sírio fez os preparativos para oferecer um sacrifício pagão, ele matou o intruso imediatamente.

Sabendo que haveria uma represália violenta por parte dos sírios, Matatias e seus cinco filhos fugiram para as montanhas, escondendo-se em cavernas que eram abundantes nessa região. Outros judeus devotos, inspirados pelo espírito de revolta, começaram então a reunir-se a eles. Embora o velho sacerdote morresse no ano seguinte, 166 a.C., ele legou a causa a seus bravos cinco filhos. Os rebeldes escolheram o terceiro filho, Judas, como seu novo chefe.

Embora Matatias e seus filhos usassem o nome da família Hasmoneu, o novo chefe do clã recebeu o sobrenome de Macabeu, que logo foi transferido para os outros membros do grupo. Seu significado não é inteiramente certo, mas acredita-se ter derivado de *maqaba*, martelo.

Sob direção de Judas Macabeu, a revolta espalhou-se rapidamente, e num breve período de tempo, ele teve número suficiente de homens armados para enfrentar e derrotar os sírios em campo aberto, na batalha de Emus.

A luta foi cruel, Judas Macabeu retomou Jerusalém. A estátua de Zeus foi retirada do santuário, destruindo-se todos os utensílios de sacrifício pagãos. O Templo foi então purificado, restaurando-se os sacrifícios e os cultos diários. Isso foi motivo para uma alegre comemoração, que se tornou a festa anual conhecida com Hanucá, ou Festa da Dedicção.

A batalha terminou apenas em 162 a.C. quando o general de origem grega, Lísias, garantiu aos judeus a liberdade religiosa. Depois desta vitória, passaram a lutar pela liberdade política, obtendo-a, em parte, por meio de negociações diplomáticas.

**Erro! Nome de propriedade do documento desconhecido.**

Os macabeus eram um povo muito pequeno para resistir, mas enquanto foi possível, lutaram contra aqueles que desrespeitaram sua crença e tiraram sua liberdade.

Nada disso representa Macabéa. Por que a escolhi como heroína, é o que me deixa desorientado? Quis tanto escrever que nem sabia como; senti-me totalmente perdido, por muitas vezes desconcertado, incomodado e inquieto tanto que em muitos momentos faço relatos sobre mim. Foi difícil tirar essa mulher de mim, sobretudo escolher a forma como ia escrever, mas quanto a isso, tentei ser simples. Mas “que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho”. Meu olhar para Macabéa foi aos poucos se dando forma e também um destino com começo, meio, e *gran finale*.

Para mim, que sou o seu autor, muito mais do que contar uma história qualquer, o escrever é questionar-se o tempo todo. “Este livro é uma pergunta.”. É natural do ser humano questionar-se buscando resposta para a sua existência. Em algumas vezes, pode até ser que encontre respostas que deem sentido à sua vida, mas nunca serão satisfatórias, tampouco esgotarão esse questionamento; isto o fará buscar mais e mais em sua existência. Por que essa busca? É para tentar conhecer a si mesmo. “Desculpai-me, mas vou continuar a falar de mim que sou meu desconhecido”. Um contínuo ir e vir entre o ser e o existir.

O que eu, Rodrigo S.M. quis, foi descrever sobre a existência de um ser humano; ninguém via Macabéa como gente. Ela existia, pura e simplesmente existia. Mas nem ela mesma percebia isso. “Ela era capim”. Existia... mas não como gente.

Sobre Macabéa, em sua vida um tanto limitada, o que sobressai é seu completo despreparo para a vida, não sabia muita coisa, quase nada, apenas as coisas básicas para sobreviver. Era também desprovida de bens materiais, afetivos, intelectuais e limitada em todos os sentidos. Péssima datilógrafa, doente do estômago, feia, solitária, sem futuro, e um passado sem expressão. Não servia para nada “numa cidade toda feita contra ela”.

A sua reação diante de alguns acontecimentos em sua vida diária era totalmente descontextualizada. Como o seu agradecimento ao médico por ter

**Erro! Nome de propriedade do documento desconhecido.**

diagnosticado sua tuberculose; rir quando Olímpico termina o namoro para ficar com a Glória, que era sua colega de trabalho; rir para as pessoas na rua o que claramente demonstra sua falta de consciência em relação ao mundo que a cerca e sobre si mesma. O que lhe resta em meio a tudo isso? O nada, os pedaços, os restos dispensados por todos.

É praticamente nada o que Macabéa sabe a respeito da existência. Mas ela vive. “A única coisa que queria era viver”, isso era a sua única e verdadeira paixão. E essa sua forma de viver é tal que desconcerta, desorienta não só a mim que sou seu autor, mas a todos que a conheceu. Porém, eu quis tocar na vida de uma nordestina que saiu de seu espaço, arrancada pela raiz, separada do seu chão.

Colocando-nos no lugar de Macabéa, certamente tomaríamos outras atitudes para vivermos, não nos deixaríamos mediocrizar, manteríamos nossa força interior, nossa coragem de querer lutar, a capacidade de ir mais longe, de transcender, de ser criativo, buscaríamos alternativas; e se não conseguíssemos, resistiríamos, levantaríamos, protestaríamos, gritaríamos, lutaríamos pela vida e pela liberdade. Mas Macabéa – contrariando tudo e a todos – é um ser sem maldade, sem malícia é um oposito, um avesso. Contudo, não era revoltada com a sua condição de vida. “Não devia nada a ninguém e ninguém lhe devia nada”.

Macabéa era para si tão insignificante que ao ouvir qualquer ofensa, humilhação ou insulto, sua única reação era desculpar-se, não fazia parte da vida de ninguém, não teve condições de construir uma história. “Por que ela não reage?” “Cadê um pouco de fibra?”.

Por ser tão insignificante eu o autor a vi com outros olhos e tamanha foi sua insignificância que acabei por envolver-me tanto a ela que meu sentimento se converteu em encantamento. “Só eu a vejo encantadora. Só eu, seu autor, a amo. Sofro por ela”. Macabéa em seu ser mais íntimo sempre comunicava algo, tinha sua singularidade de ser humano. Esta é a Macabéa que eu vejo e que eu sinto...

Conhecendo-a um pouco mais, somos conduzidos a refletir sobre o esquecimento de nós mesmo na vida e a descobrir como é o estar no mundo. O que induziria a despertar em nós um modo diferente de existência. Macabéa nos

**Erro! Nome de propriedade do documento desconhecido.**

leva a irmos longe, até as últimas consequências dessa reflexão sobre o despertar/descoberta da própria identidade, da existência e humanidade de nós mesmos. E o percurso dessa busca sobre a compreensão de si mesmo, pode haver a possibilidade da escolha do não e do sim.

O que faço com esta mulher que não sai de mim?

Sim. Tudo no mundo começou com um sim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Cristiane. **A hora da estrela – Clarice Lispector**. São Paulo: CPV Educacional. Roteiro de Leitura. Disponível em: <  
[http://www.cpv.com.br/cpv\\_vestibulandos/livros/litobr5801.pdf](http://www.cpv.com.br/cpv_vestibulandos/livros/litobr5801.pdf)>. Acesso em 23/10/2009.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1993. p. 259. 10 v.

Keyes N. B. A revolta dos Macabeus. In: \_\_\_\_\_. **História ilustrada do mundo bíblico**. Rio de Janeiro: Reader's Digest, 1962. Cap. 12, p. 110-117.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 88 p.